

MILAGRE

Luis Miguel González Cruz

1. À MESA

ENMA: Como é que gosta da carne?

DOUTOR: Nova.

ENMA: Estava a falar do bife.

DOUTOR: O bife também.

ENMA: Não por ser de vitela, mas a carne é hoje mais terna.

DOUTOR: Os tempos, eles são os que mudam.

ENMA: Os tempos não mudam, avançam.

DOUTOR: Os tempos fogem. Inexoravelmente.

ENMA: A frigideira é o que, inexoravelmente, aquece, decida-se rapidamente.

DOUTOR: A sedução contra o relógio não é mais do que atrevimento.

ENMA: É apenas questão de urgência: Como é que quer a carne?

DOUTOR: Mal passada.

ENMA: Está a ver como é fácil? Agora seja útil e tire a rolha.

DOUTOR: A cerimónia de exalação do último suspiro do vinho.

ENMA: Mas depressa.

DOUTOR: Uma vez quis apressar-me, mas um aviador apareceu entre as nuvens a quebrar as barreiras do som.

ENMA: Estávamos a namorar desde há dois anos.

DOUTOR: Ninguém me disse nada. Era amigo dos dois, algum poderia ter confiado em mim.

ENMA: Confiamos os dois em si, mas não como confidente.

DOUTOR: Ambos conheciam as minhas inclinações por si. Apenas esperava que fizesse uso de razão.

ENMA: Esperava para que não fosse delito.

DOUTOR: E ainda continuo propenso, sobretudo agora que não é delito.

ENMA: Já tenho, na sua opinião, uso de razão?

DOUTOR: O meu amor não obedece a razões, mas canta a capela a canção triste de um simples Casanova, mas fica-me tão bem. Um amante estaria lindo no seu leito nesses dias em que o seu marido está a flutuar no espaço.

ENMA: Nasceu para cantar solos.

DOUTOR: Chamam-se árias.

ENMA: Em todo o caso, apenas vale para ser amante.

DOUTOR: Mais concretamente para enganar maridos. Onde está o seu?

ENMA: Está a começar a falar como um homem.

DOUTOR: Cuidado com o que está a dizer!

ENMA: Volta amanhã. Acho que está a voar pela África meridional. Ou talvez seja a Ásia? Em todo o caso, era meridional.

DOUTOR: Favorecem-nos os fusos horários.

ENMA: Sirva já o vinho.

DOUTOR: Respira ainda.

ENMA: Pelo menos podemos brindar.

DOUTOR: Não prefere na cama?

ENMA: Seria muito incómodo.

DOUTOR: Mas é que este é um vinho de cama. Sabe quantos tipos de vinho há?

ENMA: Tintos, brancos, rosés, espumantes, generosos...

DOUTOR: A taxonomia de um vinho não atende à sua cor, composição, elaboração ou criação. Grande obviedade! O jaez de um caldo obedece unicamente ao decorado onde vai ser libado, dado que o néctar apenas se transubstancia no ambiente apto.

ENMA: Pare com essa conversa que a salada arrefece.

DOUTOR: Os vinhos de mesa não são outros senão aqueles, sensuais e vigorosos, que se apresentam nus a exhibir o seu sexo na tabela. Aqueles que exalam juventude inspirada, casam perfeitamente com o calor de uma lareira, no entanto os que se apresentam com um longo e ferrado salto alto afiado,

queimado ao fogo do ouro velho, embriagam docemente o coração na cama. Pelo contrário, esse outro vinho digno das verdes pradarias do paraíso com tato de wiskeria ou café com pernas é o mais indicado para tomar na banheira.

ANDRÉ: Boa noite. Vejo que ainda chego a tempo.

ENMA: Chegaste mesmo a tempo.

DOUTOR: Como o sétimo de cavalaria.

ENMA: Não te esqueceste.

ANDRÉ: Estava a incomodar este velhote?

DOUTOR: Velhote nunca, chefe índio e admirador contemplativo da beleza.

ANDRÉ: O seu cortejo envinagra qualquer beleza.

ENMA: Sabia que não podia faltar um dia como hoje.

DOUTOR: Nesta casa, não sou bem recebido.

ANDRÉ: Tenho a mesma queixa, e isso que a casa é minha.

DOUTOR: Pode tomar a minha porção, de certeza que já está queimada.

ENMA: A carne!

ANDRÉ: Enma, ficaste corada.

DOUTOR: Será porque a surpreendeste “in fraganti”.

ENMA: Estou corada?

ANDRÉ: Sim.

DOUTOR: Muito.

ENMA: Esqueci-me do lume.

ANDRÉ: És capaz de suportar os desafios deste indigente e, no entanto, te ruborizas por um descuido na cozinha.

DOUTOR: Querido, não é o que parece.

ENMA: O esquecimento da carne foi por amor.

DOUTOR: Tolices. O rubor apenas tem relação com o sexo.

ANDRÉ: O rubor é cultural.

DOUTOR: Quem disse que o sexo não seja cultura? Aprendem-se línguas, física quântica, trabalhos manuais e matemática.

ENMA: Brindemos.

DOUTOR: Pelo rubor.

ANDRÉ: Pelo nosso aniversário.

ENMA: Devias chegar era amanhã.

DOUTOR: Com efeito.

ANDRÉ: Saltamos uma escala na Oceânia Meridional. Queria era chegar a tempo.

ENMA: Bebamos!

ANDRÉ: À nossa.

ENMA: À nossa.

DOUTOR: À vossa. Que remédio!

ANDRÉ: Começa a falar como um homem.

DOUTOR: Tenha muito cuidado com o que está a dizer, rapaz.

ENMA: Feliz quatro de julho.

DOUTOR: Feliz quatro de julho!

ANDRÉ: Feliz quatro de julho!

ENMA: Feliz aniversário, meu amor!

DOUTOR: Feliz aniversário, Enma!

2. NA CAMA

ANDRÉ: É o nosso dia, não queres celebrá-lo?

ENMA: Já te estou a celebrar. É o nosso dia.

ANDRÉ: Desfrutas da solidão?

ENMA: Apenas contigo posso estar sozinha. Unicamente em solidão posso ser livre.

ANDRÉ: Amo-te em completa liberdade.

ENMA: A quem amas?

ANDRÉ: A quem, senão a ti?

ENMA: Quem, senão eu, pode responder ao amor?

ANDRÉ: A.T.

ENMA: O que é que isso significa?

ANDRÉ: Já sabes, na aviação usamos muitas siglas para poupar tempo... e ir ao grão. Significa amo-te.

ENMA: A.T.M.

ANDRÉ: A.T.M.+

ENMA: A.T.D.

ANDRÉ: A.T.M.

ENMA: A.T.E.

ANDRÉ: Exageradamente?

ENMA: Exuberantemente.

ANDRÉ: A.T.M.

ENMA: Isso já disseste antes.

ANDRÉ: Antes disse: Amo-te muito. Agora digo: Aprecio-te muito.

ENMA: Prefiro que me adores.

ANDRÉ: A.T.+A.M.M.

ENMA: Traduz.

ANDRÉ: Amo-te mais que a mim mesmo.

ENMA: A.T.M.Q.N.N.M.

ANDRÉ: Nem sequer um piloto pode com isso.

ENMA: Amo-te mais que nada no mundo.

ANDRÉ: A.T.M.Q.N.N.M.

ENMA: Repete.

ANDRÉ: A.T.M.Q.N.N.M.

ENMA: Atemquenem.

ANDRÉ: Atemquenem.

Beijam-se.

ANDRÉ: Isto merece abrir uma garrafa.

ENMA: Quando tu não estás comigo, apenas tenho vontade de me dobrar e me guarda numa gaveta.

3. À MESA

ENMA: Pus o café ao lume.

ANDRÉ: Não desejo outra coisa mais que sejas feliz.

ENMA: Gosto de preparar o pequeno-almoço para ti.

ANDRÉ: Gostaria que fosses livre outra vez.

ENMA: Isso não é mais que uma parvoíce. Eu já aprendi. Agora, finalmente, sei que à noite segue-lhe a manhã e ao jantar o pequeno-almoço. As histórias de amor não acabam sob o brilho da lua ou ao cintilar das velas, mas continuam a plena luz do dia e no aroma do café. As histórias de amor não acabam com o beijo final dos filmes antes do fundido a preto. As histórias de amor não têm fim, apenas têm arranque, inventam-se todos os dias, concebem-se a cada minuto, fundam-se a cada beijo. As histórias de amor escondem-se no fundido a preto.

ANDRÉ: Toda a história de amor cabe num escuro?

ENMA: Vais precisar de mim para escrever a nossa história, pois não há história melhor que a que escrevem um homem e uma mulher.

ANDRÉ: Como era? Atemquenem?

ENMA: Cheiras? É o café que chega. Lembras-te de tudo o que me amaste?

ANDRÉ: Lembro-me perfeitamente, mesmo que já não caiba muito neste cabeção.

ENMA: Sentada neste lugar contemplo a minha felicidade. Não é uma decisão minha, é uma decisão da cadeira. A liberdade é algo que se deve submeter. Quem vive a liberdade em estado puro, está condenado a viver apenas de recordações. Realmente achas que se podem guardar as lembranças para toda a vida?

ANDRÉ: Viajo com pouca equipagem. Muito do que fiz nesta vida é idiota ou é mentira, por isso despojei-me das suas lembranças.

ENMA: Se embarcares com o meu amor já não viajas tão ligeiro.

ANDRÉ: Há sempre algo do lado do amor que pesa.

ENMA: Cheiras? É o aroma da felicidade.

ANDRÉ: Café.

ENMA: O café da manhã. Acompanhado pelo cheiro a pão torrado. Não cheira igual a outras horas, não é a mesma felicidade.

ANDRÉ: Apenas é café. E torradas.

ENMA: Não. É felicidade.

ANDRÉ: E tu? Recordas tudo o que me tens amado?

ENMA: Na minha memória, como se fosse à passagem de um projetor, vejo desfilarem os momentos que vivo contigo como se do guião de um estranho se tratasse.

ENMA cai desmaiada.

ANDRÉ: Enma?

4. NA LAREIRA

ANDRÉ: Que classe de médico é?

DOUTOR: Dos contemplativos, os que certificam curas e testemunham mortes.

ANDRÉ: Os médicos da sua classe são completamente inúteis.

DOUTOR: Não existe outra classe de médicos.

ANDRÉ: Tem que haver uma solução.

DOUTOR: É possível, mas os médicos não são os mais indicados para a conhecer.

ANDRÉ: É necessário que exista alguma solução.

DOUTOR: O necessário é sempre um milagre.

ANDRÉ: Não diga asneiras.

DOUTOR: Aonde a ciência não chega, a asneira é a rainha. Quem acredita já nos milagres? Apenas os idiotas.

ANDRÉ: Vou levá-la. Vou levá-la daqui. Estados Unidos.

DOUTOR: Conheço lá alguns médicos. Também conheço muitos idiotas. Alguns são médicos. Vou ajudá-lo. Mas Houston não é Lourdes e quer os médicos quer os idiotas são da mesma classe que os daqui.

ANDRÉ: Que classe de idiota é?

DOUTOR: Está morta. Tudo parece indicar que foi rápido.

ANDRÉ: Examinou-a bem?

DOUTOR: Examinei-a o suficiente. Era tão bela.

ANDRÉ: Levemo-la ao hospital

DOUTOR: Está melhor na sua cama.

ANDRÉ: À sala de operações.

DOUTOR: Chore.

ANDRÉ: Ela está a escutar-nos, como quem ouve a rádio. Temos que fazer qualquer coisa por ela.

DOUTOR: Deixo-lhe o meu lenço.

ANDRÉ: O pranto é falso, a pena não é real, mas uma instituição social, dado que chorar é impossível. A única possibilidade verosímil de conseguir umas lágrimas é a sufocar o pranto.

DOUTOR: Sentir-se-ia melhor.

ANDRÉ: Não quero sentir-me melhor, quero que a Enma volte.

DOUTOR: Não deverias ter perdido tanto tempo.

ANDRÉ: O tempo não é sério.

DOUTOR: Dar-lhe-ia jeito também ter fé.

ANDRÉ: A vida habita-se, existe-se, mas não se acredita nela.

DOUTOR: Dar-lhe-ia jeito ter fé no tempo. O tempo avança, muda e chega ao seu fim. Isto é apenas o fim do mundo.

ANDRÉ: Não, meu querido amigo, depois fica toda uma vida..

DOUTOR: Obrigado por dizer querido amigo. O meu sentimento, mas escute, seu parvo. Ela está morta e nenhum médico poderá mudar isso. Se quiser milagres deve ter fé, é o que se pede aos idiotas nestes casos. Sinceramente, os médicos somos mais razoáveis.

ANDRÉ: Comecei a amá-la ontem, e já não posso parar. Apanhei impulso.

DOUTOR: Deixe-a na cama, querido amigo.

ANDRÉ: Não temos mais vinho de cama.

DOUTOR: Temos de mesa.

ANDRÉ: Apenas seria capaz de chorar se ela voltasse.

André sai.

DOUTOR: Ainda bem que ainda ficava esta garrafa.

5. NA CAMA

ANDRÉ: Berras no mais profundo de um canhão. Eu conduzo fora do asfalto. Tens areia na boca e sol nos olhos. Queria pôr surdina a esses berros e recrio-me na memória com as cenas de amor do nosso filme, mas não posso suportar que utilizes um sócia nas cenas arriscadas. Ontem à noite apanhei impulso. Agora, agora, agora, agora, agora.

Enma acorda..

ENMA: Meu amor. Quem és?

ANDRÉ: O condutor.

ENMA: Porque é que fizeste isso?

ANDRÉ: Amo-te.

ENMA: Quem disseste que eras?

ANDRÉ: O teu marido.

ENMA: Era um profundo vale. O interior de um porta-bagagem num canhão profundo de altos penhascos. A luz apenas chegava ao interior do vale e eu berrava.

ANDRÉ: Já se passou.

ENMA: Não. Vai passar-se.

ANDRÉ: Preciso de ti.

ENMA: Eu estava sossegada, mas alguma coisa fez-me berrar.

ANDRÉ: Não digas isso.

ENMA: Digo a verdade.

ANDRÉ: Não digas a verdade. Amo-te.

ENMA: E eu?

ANDRÉ: Estou feliz de te ter ao pé de mim.

ENMA: Mas... quem és tu?

ANDRÉ: Há apenas vinte e quatro horas que foi quatro de julho.

6. NA LAREIRA

DOUTOR: Não tem vinho de lareira?

ANDRÉ: Quero-lhe sereno.

DOUTOR: Como quer que esteja sereno? É um milagre! Mesmo que seja de banheira!

ANDRÉ: É um mau médico.

DOUTOR: Isso eu já sei, mas não mato os mortos, conformo-me com os vivos. Os milagres são ainda pior que os maus médicos: ressuscitam os mortos para que nós, os médicos, voltemos a matá-los. Dão-nos o duplo de trabalho.

ANDRÉ: Não soube ver que não estava morta.

DOUTOR: Vê-se o que se vê.

ANDRÉ: Eu sim vi.

DOUTOR: Sim viu que é idiota. Deixe-me reconhecê-la

ANDRÉ: Os bêbados têm memória?

DOUTOR: Imensurável. Bebe-se sempre para esquecer.

ANDRÉ: Está na cama.

DOUTOR: Quando a vi morta. Desatei a chorar.

ANDRÉ: Agora está viva. Vai desatar a rir.

DOUTOR: Tire um pouco desse vinho se quiser que sorria.

ANDRÉ: Estou-me nas tintas para o que faça.

DOUTOR: De que é o vinho?

ANDRÉ: É de mesa.

DOUTOR: Não interessa, é apenas para rir. Os milagres não são coisa seria.

ANDRÉ serve o DOUTOR.

ANDRÉ: Se tivesse intervindo antes, teria evitado a brincadeira.

O DOUTOR bebe o copo de uma vez só.

DOUTOR: Se tivesse estado quieto, teríamos poupado o pranto.

ANDRÉ: Têm que a ver. Não está bem.

DOUTOR: Não me admira. Não está morta.

ANDRÉ: Não é ela. Agora é outra.

DOUTOR: Há muito milagreiro amador que não sabe usar as alavancas dos prodígios.

ANDRÉ: Entre para vê-la.

DOUTOR: Sirva-me outro copo, necessito entrar com boa cara.

7. À MESA

ENMA: Também é o meu marido? Não recordo ter casado consigo. Consigo também não.

DOUTOR: Necessita treinar para recordar.

ENMA: Necessito casar-me muitas vezes para recordar que me casei uma?

DOUTOR: É necessário ensaiar para ter lembranças.

ENMA: Estou de baixa forma.

DOUTOR: Acabou de sofrer um shock. Já recordará tudo. Com o tempo.

ENMA: Sou bígama?

DOUTOR: Já recordará tudo.

ENMA: Pode-se esquecer a felicidade?

DOUTOR: É um problema de memória, não de felicidade.

ENMA: Se uma pessoa esquece que foi feliz, é incapaz de o ser já o resto da vida?

DOUTOR: Apenas conheço as amputações físicas.

ENMA: Tenho uma recordação. Apenas uma. O fundo do porta-bagagens de um carro no mais recôndito de um estreito vale. Tudo estava escuro. E eu berrava..

DOUTOR: Isso é uma recordação ou antes um sonho?

ENMA: Qual é a diferença?

DOUTOR: Vai saber a primeira vez que durma. A primeira vez que sofra de pesadelos. Vai saber a primeira vez que tenha um desejo incontornável.

ENMA: Ele diz que acabei de acordar. André, chama-se.

DOUTOR: Sim. Chama-se assim.

ENMA: Então, se estive a dormir... Porque é que não recordo nenhum sonho?

DOUTOR: Não estive a dormir, na realidade.

ENMA: Eu sei, estive morta, mas não recordo nem do túnel, nem da famosa luz no fundo.

DOUTOR: Está muito instruída em viagens ao Além.

ENMA: O André disse-me.

DOUTOR: A maioria dos sonhos são esquecidos e ao resto não se lhes dá atenção.

ENMA: O destino de um sonho é... ser esquecido?

DOUTOR: Sonhar não é inútil.

ENMA: Sei que tenho boa memória, mas tenho a mala vazia.

DOUTOR: Que mala?

ENMA: A das recordações. Nalguma altura abriu-se e todo o seu conteúdo desapareceu. Talvez fosse naquele vale profundo, no porta-bagagens daquele carro, talvez fosse aí onde se abriu a mala, diz ele.

DOUTOR: O André?

ENMA: Sim, chama-se assim. É o meu marido. Isso é o que ele diz. Como é o meu marido?

DOUTOR: Enma, vou fazer-lhe umas provas. Sente-se aqui e descontraia.

ENMA: Porquê?

DOUTOR: Sou médico.

ENMA: Se é médico, não é, então, o meu marido?

DOUTOR: Por enquanto apenas sou médico.

ENMA: Desculpe se fizer perguntas. Estou a voltar a encher as malas.

DOUTOR: Não tem porquê recuperar todas as coisas que perdeu. Pode escolher o que quer recuperar e o que não.

ENMA: Como é que eu sei que quero escolher?

DOUTOR: Documente-se. Eu ajudo.

ENMA: Quero tudo. Era meu.

DOUTOR: De certeza que nessa mala houve coisas que não vale a pena resgatar.

ENMA: Se não as recuperar, como é que vou saber se preciso delas ou não?

DOUTOR: Há coisas que dão nas vistas.

ENMA: Estamos a falar de memória, não de visões.

DOUTOR: Se calhar as visões são as únicas que passam para a sala da memória, enquanto o cognitivo e o sensorial são destinados ao esquecimento.

ENMA: Ainda não aprendi a esquecer.

DOUTOR: Há coisas que respondem à lógica humana, e não à da memória.

ENMA: Se o senhor o diz. É doutor.

DOUTOR: Sou doutor do corpo, mas não da alma. E sei que há uma lógica da memória que não tem nada a ver com a lógica do ser humano.

ENMA: Eu, da alma, estou sã.

DOUTOR: E do corpo também.

ENMA: Apenas tenho que voltar a encher a mala.

DOUTOR: Será sempre a Enma.

ENMA: Não quero perder nada que a Enma possa recordar.

DOUTOR: O que vai viver é o futuro. O passado está nos livros de história.

ENMA: Não quero perder nada do que fui.

DOUTOR: O importante é não perder nada do que será.

ENMA: É um doutor muito estranho.

DOUTOR: O verdadeiramente estranho é o mundo.

ENMA: Que dia morri?

DOUTOR: O mesmo que voltou a nascer.

ENMA: Era feliz?

DOUTOR: No ano próximo, se quiser, poderá celebrar o seu dia de morte.

ENMA: Que dia foi?

DOUTOR: Quatro de julho.

8. NA CAMA

ENMA: Talvez a vida não seja mais que um hieroglífico de passos de dança que, numa determinada altura, após um período de aprendizagem mais ou menos longo, parecem de forma natural e os pés são capazes de decifrar o significado de músculos e ritmos como se fosse a frase mais simples do mundo. Talvez a vida não requeira mais instruções que uma técnica para desenvolver esses passos como se fosse a linguagem congénita dos pés. Talvez a vida não seja outra coisa que ensaiar e repetir, uma e outra vez, esses passos. Mas acabaram já todas as brincadeiras. Não percamos o tempo. O que querem averiguar? Se tremo nos seus braços, se suspiro pelo seu cabelo, se tenho saudades do cheiro da sua pele? Não há mais lenha por onde arder. Isto é sério.

Não posso sustentar os seus olhares interrogadores sobre mim. Tenho vergonha, porque sei que já não há mais coisas para olhar, sei que, ao desaparecer o desejo, o olhar torna-se estrábico e deambula vesgo pelas coisas sem centrar o foco da ânsia. Sei que todo o peixe já está vendido. Que este foi o último assunto que trataremos. Que a dança acabou. Que tudo acabou.

Já apenas resta na minha mente um espaço vazio que se desloca com o tempo, se espalha por todo o meu corpo e me deixa rendida na cama. Não há volta atrás embora ainda escute alguns acordes longínquos e os meus pés mexem alguns passos dessa dança. Mas já não faz sentido dançar aqui e, deste frio peitoril de mármore, descubro que nunca fez sentido dançar, por muito bonita que fosse a coreografia, por muito complicados que fossem os passos, por muito bonito que fosse o rapaz. Agora sei que apenas estivemos a distrair-nos num jogo sem importância, mas cujas faltas ou erros pareciam-nos um crime. Estivemos a entreter o tempo a acreditar que construíamos alguma coisa ou que sofríamos gravemente. Mas já não há mais assuntos a tratar, acabaram as brincadeiras e os jogos. Não percamos o tempo. O que é que querem saber, o que mais querem averiguar? Se esta frio, se se treme ao guardar o equilíbrio no beiral, qual é o aroma do cabelo dos anjos... Apenas é puro impulso movido pelo desejo da curiosidade, próprio do jogo da vida, e aqui há muitas coisas. Muitos pensamentos. Mas já está tudo tratado. Aqui nada se dá nem se tira. Acabou a partida. Tudo acabou. Todo o peixe está vendido e não há mais lenha por onde arder. Sobre o mármore não se pode dançar. Existe um tipo de vinho para tomar no mármore? Penetro de carro num vale estreito e fresco. Estou húmida. Quando foi por última vez quatro de julho?

9. NA LAREIRA

ANDRÉ: Como está?

DOUTOR: Viva.

ANDRÉ: E do tudo o resto?

DOUTOR: Tomei as suas impressões digitais. Não há dúvida. É a Enma.

ANDRÉ: O que é que se passa com ela?

DOUTOR: Nada. Não tem mais vinho?

ANDRÉ: Está séria.

DOUTOR: Ainda não tem nada pelo qual rir.

ANDRÉ: É como se fosse uma outra pessoa. Não quero que mude.

DOUTOR: Onde está o vinho?

ANDRÉ: Não há álcool em casa, achei que não era conveniente. Pelo seu estado.

DOUTOR: Que tem o álcool de mau? O vinho é néctar dos deuses e fonte de sabedoria. Quer que viva no inferno e na ignorância? Sem deuses nem saber. Sem nada.

ANDRÉ: O vinho faz mudar o carácter das pessoas.

DOUTOR: Fiz provas e está sã. E viva. Que mais pode pedir um ser humano? Bom, sim. Mais uma coisa pode pedir. Vinho. Pode pedir vinho.

ANDRÉ: O que é que podemos fazer?

DOUTOR: Ir à loja e comprar.

ANDRÉ: Ela não se lembra de quem é, não sabe como viver, tem que aprender tudo.

DOUTOR: Então que vá outra vez à escola. É habitualmente uma época feliz.

ANDRÉ: Temos que recuperar a Enma.

DOUTOR: A sua insensatez trouxe-a de volta e aí a tem. Tal e como queria. O que mais é que está a pedir?

ANDRÉ: Solucionar erros.

DOUTOR: Pitágoras dizia que os crimes não são senão erros de cálculo.

ANDRÉ: Está bem. Diga o que se tem que fazer.

DOUTOR: Voltar a matá-la.

ANDRÉ: Antes fá-lo-ia eu consigo.

DOUTOR: Considero-lhe muito capaz.

ANDRÉ: O que é que faço?

DOUTOR: Encher as malas.

ANDRÉ: Que malas?

DOUTOR: As da sua cabeça. Tem que construir outra vez toda uma vida, tem que começar de zero, tem que voltar a passar por esses momentos em que se tomaram as decisões que mudaram a sua vida, tem que voltar a correr os riscos que estiveram a ponto de levar a história por outros caminhos. Tem que voltar a gerar experiência. Agora mesmo a mente dela é uma página em branco. Como se tivesse perdido a equipagem no aeroporto de um país estranho.

ANDRÉ: Poderíamos mudar a história.

DOUTOR: Não seja parvo, apenas se pode mudar o futuro. Até eu volto a ter possibilidades. Gosto tanto desta Enma como da outra.

ANDRÉ: Gosta de todas.

DOUTOR: Já sabe que sou contemplativo.

ANDRÉ: Se tivesse que voltar a repetir toda a história, a história do nosso amor, fá-lo-ia tal e como foi. Não conheço outra história melhor vivida do que a nossa.

DOUTOR: Viverá no passado, enquanto para nós tudo será presente.

ANDRÉ: Eu cometi o erro de cálculo.

DOUTOR: Cada dia que se passa é mais idiota.

ANDRÉ: Cada dia que se passa nos afastamos do quatro de julho.

DOUTOR: Compre vinho. Tem que o celebrar. Vai ser pai. Dois pelo preço de um.

10. À MESA

ENMA: Porque é que me casei contigo?

ANDRÉ: Porque me amavas.

ENMA: Disse-o alguma vez?

ANDRÉ: Muitas vezes

ENMA: Tinha necessidade de o repetir?

ANDRÉ: Acho que o fazias por simples gosto.

ENMA: Imagino que gostavas que o repetisse.

ANDRÉ: Deves estar certa.

ENMA: Porque é que me apaixonei por ti?

ANDRÉ: Foi na universidade. Víamo-nos todos os dias, a toda a hora, a fricção criou calor. O calor, lume.

ENMA: E o lume, cinzas.

ANDRÉ: Sempre o calor

ENMA: Vou ter que saltar algumas etapas. Não tenho tempo para me tomar tempo. Tenho de resumir.

ANDRÉ: Iremos ao cerne.

ENMA: Deves fazer memória, as mulheres falamos muito dessas coisas. Deve ter havido um momento concreto em que me apaixonei. Revisa a tua memória. Nós, as mulheres, gostamos de falar nisso.

ANDRÉ: Não me lembro agora.

ENMA: Então, inventa.

ANDRÉ: Não posso fazer isso. Seria como trair a tua memória, a da Enma.

ENMA: Se disseres a verdade não traís nada.

ANDRÉ: Não posso tomar o teu lugar.

ENMA: O meu lugar é uma casa vazia.

ANDRÉ: Não podemos fazer as coisas à toa. E menos agora.

ENMA: Nunca fizemos nada sem refletir?

ANDRÉ: Visto tudo do futuro, nada parece ao acaso.

ENMA: Quais foram esses momentos? Porque é que atuámos como malucos? Qual dos dois foi o atordoado ou o imprudente? Preciso saber tudo.

ANDRÉ: Estávamos enredados demais um com o outro. Complicados numa maranha de sentimentos e pensamentos que provocavam, automaticamente, outra coleção de emoções, ternuras e comoções. Gostávamos muito um do outro. Mais do que podíamos imaginar. A tua morte foi um golpe à minha fragilidade, a tua morte foi uma bomba à subtileza do nosso amor, mas quero que saibas que se tivesse que voltar a repetir toda a história, se tivesse que voltar a repetir o que fiz contigo e por ti, fá-lo-ia tal e como o fiz. Detalhe por detalhe, beijo por beijo, palavra por palavra, carícia por carícia. Agora vejo que te amei muito, mais do que posso explicar.

ENMA: Achas que vou gostar de repetir a história?

ANDRÉ: Tudo depende da memória.

ENMA: O primeiro beijo. Recordas como foi?

ANDRÉ: Perfeitamente.

ENMA: Então, beija-me como a beijaste daquela vez.

ANDRÉ: Estivemos muito tempo a cruzar olhares e risos. Riamos sem sentido e os nossos olhares procuravam-se. Um dia tomei com a minha mão a sua cintura e vi que ela não só não me esquivava, mas sorria. Estávamos rodeados de amigos e música muito alta. Acariciei com os meus dedos a pele da sua cintura entre as dobras da camisa enquanto continuávamos a falar sobre não sei o quê. Ela não deixava de sorrir enquanto replicava de forma engenhosa. Aproveitei então um momento de confusão entre o ruído e o calor para a beijar.

ENMA: Gostei?

ANDRÉ: Disseste sempre que sim.

ENMA: Imagino que agora faltam o ruído e o calor.

ANDRÉ: Ainda não estás bem equipada.

ENMA: Tenho boa memória. Hoje há doze dias que foi quatro de julho.

11. À MESA

DOUTOR: Assinale o círculo branco pequeno

Assinale o quadrado amarelo grande

Assinale o quadrado vermelho grande

Assinale o círculo verde pequeno

Assinale o quadrado azul pequeno.

Se houver um círculo preto, pegue no quadrado vermelho.

Se não houver um quadrado preto, pegue no círculo verde pequeno.

Se o quadrado verde estiver ao lado do círculo azul, pegue no quadrado branco pequeno, e se não for assim, tire o círculo amarelo grande.

Tire o quadrado verde grande e coloque-o acima do círculo vermelho pequeno.

Tire o círculo vermelho pequeno e coloque-o ao lado do quadrado branco grande.

Agora vai fazer o mesmo que eu com a mão sobre a mesa. Palma, canto, punho. Palma, canto, punho. Palma, canto, punho. Agora é a sua vez.

ENMA: Qual é o seu diagnóstico?

DOUTOR: Que o faz bem e rápido.

ENMA: Vejo que a medicina tem avançado muito.

DOUTOR: De quem preferiria apaixonar-se, de alguém que a divirta ou de alguém com mais experiência e sabedoria?

ENMA: Isso continua a ser parte do reconhecimento?

DOUTOR: Podia ser.

ENMA: De alguém como o doutor poderia apaixonar-me, mas não de si.

DOUTOR: Obrigado pela sinceridade.

ENMA: Estou a fazê-lo bem, doutor?

DOUTOR: A diferença de idade é fatal para o amor.

ENMA: Não tenho idade para ir apaixonando-me de rapazes e de adultos. Eu tenho marido.

DOUTOR: Está apaixonada por ele?

ENMA: Falam com muita facilidade do amor, mas a mim resulta-me impossível. Não sei o que é. Explique-mo e assim poderei responder.

DOUTOR: Talvez, se se explicasse, parecesse ridículo, talvez seja ridículo de qualquer forma, mas toda a humanidade corre desesperada à procura do amor.

ENMA: É por isso que não estou ainda viva, porque não corro? É por isso que estou todo o dia a olhar para a superfície da mesa ou para os desenhos do chão? No outro dia estive a olhar como entrava uma mosca na cozinha e esvoaçava por entre os móveis e os pratos, as travessas e os bicos do fogão. Registei a sua travessia, que demorou cinco horas, com total tranquilidade. Não me importava nada do que fizesse o pobre animal, nem tão sequer queria matá-lo como tenho visto que, instintivamente, todas as pessoas querem fazer com as moscas, mas entretive-me a olhar o que fazia. Entretive-me a olhar durante cinco horas até que morreu. De repente, sem que nada tivesse apontado para esse desenlace, caiu sobre o lava-loiça e, a bater as asas, morreu.

DOUTOR: Talvez se envenenasse.

ENMA: Não, a vida das moscas é muito curta. Muito curta para a nossa maneira de medir o tempo, mas suficientemente longa para uma mosca. Talvez essas cinco horas, decorridas numa cozinha, fosse mais da metade da vida da mosca.

DOUTOR: A vida é sempre curta.

ENMA: A mim está-me a parecer longa demais. Por isso sinto que ainda não estou viva, porque não corro à procura de nada. Doutor: Em que cozinha decorreu a metade da minha vida?

DOUTOR: Talvez a vida a esbofeteie sem que corra à sua procura.

ENMA: Sinto muito doutor, sinto-me mal disposta. Estou com vontade de vomitar.

12. NA LAREIRA

ANDRÉ: Há muitos sítios onde estive que hoje não recordo. Até há momentos e dias inteiros que não significam nada para mim. A recordação não é tudo, se calhar não é nada, mas isso não quer dizer que esses sítios, esses momentos, não tenham existido. O único que se passa é que já não existem para mim. Esqueci-os.

DOUTOR: A memória é uma ficção que o homem escreve para cegar esses poços.

ANDRÉ: A memória não é outra coisa que o túmulo da experiência.

DOUTOR: Apenas se recordam os desejos não satisfeitos ou as euforias perdidas.

ANDRÉ: Apenas há espaço na memória para o paraíso perdido.

DOUTOR: Será porque o nosso cérebro é como o de uma mosca?

ANDRÉ: Há alguns dias estive a folhear fotos antigas, mas a minha imaginação era incapaz de voar a partir daquelas imagens, aquelas fotos eram incapazes de despertar as emoções que senti nos momentos em que foram tiradas. Simplesmente, não significavam já nada para mim. Aqueles rostos já não têm significado, apenas são signos vazios; marcas esbatidas da memória. Da foto apenas persiste o grão.

DOUTOR: Deveria ter erigido um túmulo por cada um daqueles rostos em vez de tirar fotos.

ANDRÉ: Viajamos nesta vida com uma equipagem de mão aonde cabem poucas recordações. A maior parte perde-se pelo caminho e apenas se entesoura nessa mala pessimista aquilo que se teme que desapareça.

DOUTOR: Ela nunca pensou ter um filho.

ANDRÉ: Desejou-o comigo.

DOUTOR: Essa era outra Enma.

ANDRÉ: Mas ele é o meu filho.

DOUTOR: Talvez esta Enma não queira o filho de outra mulher.

ANDRÉ: É ela que tem que decidir.

DOUTOR: Talvez lhe cause uma forte impressão.

ANDRÉ: É também o seu filho.

DOUTOR: Se calhar deveria abortar.

ANDRÉ: É uma prescrição facultativa?

DOUTOR: É uma corrente de amor.

ANDRÉ: Isso é um filme. O amor não significa nada.

DOUTOR: O desejo não é significativo.

ANDRÉ: Existe o amor em todas as culturas? Porventura os chineses ou os maoris amam como amamos nós? É um invento humano isso do amor?

DOUTOR: É um invento ocidental e melancólico, onde tudo o que nos é querido, fica sempre atrás.

ANDRÉ: Isso é uma canção.

DOUTOR: O amor serve para escrever canções.

ANDRÉ: Ainda me parece que as canções estão escritas para ela.

DOUTOR: Estamos como no início, e desta vez serei eu que se apresse.

ANDRÉ: Onde fica a lealdade?

DOUTOR: No seu lugar: no dicionário das palavras vazias.

ANDRÉ: O contentor donde se tiram as letras das canções.

DOUTOR: Este vinho é de lareira. Este sim foi tomado no lugar adequado.

ANDRÉ: Há vinte dias que foi quatro de julho.

13. NA CAMA

ENMA: Gritava. Estava no porta-bagagens de um carro e gritava. O carro penetrou num estreito vale e, conforme mais entrávamos, mais eu gritava. A viatura deteve-se no final do canhão, mas eu continuava a gritar. Gritava o mais forte que podia, mas ninguém me escutava. Eu também não escutava. Nem tão sequer os meus próprios gritos, como se fosse a atriz de um filme mudo. Berrava até que a minha garganta sangrou, mas ainda assim, continuei a gritar sangue. Na escuridão senti como era fortemente espancada. Dentro do porta-bagagem. Espancaram-me e, por força dos pontapés e murros, vi-me fora dele. Aos golpes rodei pelo vale e aos golpes escorreguei para cima. Escalei a golpes a montanha e o meu corpo ficou estendido na cima, na borda do canhão. Ao abrir os olhos encontrei-me aqui. Nesta cama. É a minha cama. Isso diz ele.

DOUTOR: O André.

ENMA: O André.

DOUTOR: Porque é que não lho contou?

ENMA: Não sabia se isso era bom ou mau. Nem se era bom contar-lho a ele.

DOUTOR: Eu também sei. Também não sei se é bom ou é mau.

ENMA: É um sonho ou uma recordação?

DOUTOR: Quem é que conduzia aquele carro?

ENMA: Eu não sei conduzir. Eu sabia conduzir? Essas coisas nunca se esquecem.

DOUTOR: Essas coisas nunca se terminam de aprender.

ENMA: Já tenho alguma coisa dentro da mala: um porta-bagagens.

DOUTOR: E um carro e um canhão estreito e profundo.

ENMA: Mas sinto-me vazia. Um contentor de contentores. Acha que deveria contar-lho?

DOUTOR: Se quiser.

ENMA: Como é que eu sei se quero?

DOUTOR: Irá aperceber-se porque o faz sem querer.

ENMA: Acha que poderei amá-lo?

DOUTOR: Já o fez uma vez. Não estou a ver porque não pode fazê-lo outra.

ENMA: Também me amou uma vez. Pode fazê-lo outra.

14. À MESA

DOUTOR: Não tem direito contra o tempo. Nem contra o mundo, nem contra Deus.

ANDRÉ: Quem é esse? Um amigo seu?

DOUTOR: Não tem o direito a dar vida, não tem o direito de dar esperanças, não tem o direito a fazer acreditar.

ANDRÉ: Cada dia que se passa torna-se mais pós-moderno.

DOUTOR: Não pôde silenciar os seus remorsos por não assumir que não amar até ao fundo é, simplesmente, perder o tempo.

ANDRÉ: Nem tão sequer se lembra de si.

DOUTOR: O importante é que não se esqueça de mim.

ANDRÉ: A memória fixa-nos no que odiamos e no que amamos.

DOUTOR: A memória é uma imagem sonhada da realidade a ponto de desaparecer.

ANDRÉ: Não posso relegar na minha memória a minha amada Enma.

DOUTOR: Nunca pensei que fosse tão passivo.

ANDRÉ: Dizia que era contemplativo, não um homem de ação.

DOUTOR: Enma tem que ser seduzida, inventar a maneira de apaixonar a Enma, cair nos braços da Enma. É a sua mulher. Tem a obrigação, é o seu marido. Não devia tê-la trazido daquele vale, tirá-la daquele porta-bagagens, mas esse foi o seu erro de cálculo, portanto assumo os seus crimes.

ANDRÉ: Se o fizer, seria infiel à Enma.

DOUTOR: Se não o fizer, faço eu.

ANDRÉ: O tempo corre contra nós. Já há vinte e sete dias que foi quatro de julho. Vou dizer-lhe que está à espera de um filho.

DOUTOR: Não tem o direito.

15. NA BANHEIRA

ENMA: É um prazer sentir o calor do vapor, notar como as pernas relaxam.

ANDRÉ: Não esquecerás nunca o que comporta um banho quente. Nem o que significa.

ENMA: Noto o que comporta, mas... O que é que significa um banho quente?

ANDRÉ: Tu mesma criarás esse significado com as experiências que se cruzarem com o signo. Queres um copo de vinho?

ENMA: Na banheira?

ANDRÉ: Conheces a classificação dos diferentes tipos de vinhos?

ENMA: Tintos, brancos, rosés, espumantes, generosos...

ANDRÉ: O vinho não responde à sua cor ou composição, cada vinho está pensado para ser tomado num decorado único para que assim o goze compareça.

ENMA: Tem certa lógica.

ANDRÉ: Os vinhos de mesa não são outros que os que, sensuais e vigorosos, se apresentam nus a exhibir o seu sexo. Pelo contrário, os vinhos de lareira necessitam ser aconchegados pelo calor do lume, enquanto os que se apresentam com um ferrado salto alto queimado ao fogo do ouro velho, embriagam o coração na cama. Finalmente, o vinho de banheira, digno de se criar nos Campos Elísios, acaricia o palato com um tato de veludo de café com pernas.

ENMA: Tudo isso o inventaste tu.

ANDRÉ: A investigar e a cruzar experiências.

ENMA: Tato de veludo e café com pernas.

ANDRÉ: A que é que te sabe?

ENMA: A vinho

ANDRÉS: A que é que te cheira?

ENMA: A vinho

ANDRÉ: A que é que te recorda?

ENMA: A vinho.

ANDRES: O que é que dirias do seu sabor?

ENMA: Que está muito bom.

ANDRES: Associa-lo a algum outro sabor? Sabe-te a morango?

ENMA: Não sei como sabe o morango.

ANDRES: Imagina-o.

ENMA: Como é que se pode imaginar um sabor?

ANDRES: Usa a fantasia.

ENMA: O morango para mim, apenas é um significante.

ANDRÉ: É um vinho de banheira. VDB

ENMA: O que é que dizes?

ANDRÉ: VDB. Utilizo as iniciais das palavras. V de vinho, D de de e B de banheira. VDB.

ENMA: VDB.

ANDRÉ: Vinho de banheira.

ENMA: VDB. VDB. É muito útil.

ANDRÉ: Uma boa forma de comprimir significantes.

ENMA: O que é o que me acontece?

ANDRÉ: E.G.

ENMA: Estou com vontade de vomitar.

ANDRÉ: E.G.

ENMA: O que é que isso significa?

ANDRÉ: Estás à espera de um filho. Mesmo antes de morrer ficaste grávida.

ENMA: E.G.?

ANDRÉ: Estás grávida. Não deverias beber.

ENMA: Hoje há vinte e oito dias que foi quatro de julho.

16. NA CAMA

DOUTOR: Volume: 960 c.c. Reação ácida. Densidade: 1015. Albumina: Não contém. Aspeto: Levemente turva. Glucose: Não contém. Sedimento: Normal. Corpos cetónicos: Não contém. Ácido Diacético: Não contém. Urobilinogénio: Normal. Pigmentos biliares: Não contém. Sais biliares: Não contém.

Um perfume? Muito óbvio. Flores? Direto demais. Comida? Pouco elegante. Roupa? Talvez não goste, talvez não lhe fique bem, talvez deteste a cor. Um disco, um livro, um quadro. Talvez esteja bem. Estará bem se vai acompanhado de uma flor.

Querida Enma... Hoje há exatamente trinta dias que foi quatro de julho de dois mil e doze. Não recorda que um dia, exatamente um dia como hoje, me disse que me amava? Recorda quanto me amou? Recorda que disse que esperasse? Recorda que disse que talvez um dia, um dia exatamente como o de hoje... trinta dias depois de um quatro de julho, talvez, um dia como hoje, me amaria? Faça memória, tem que o recordar.

Flora bacteriana: Escassa. Células epiteliais: Escassas. Leucócitos: 5,6. Neutrófilos: 70%. Basófilos: 0. Mielocitos: 0. Plaquetas: 220. Glóbulos Vermelhos: 5.600.000 por mm³. Hemoglobina: 14,20%. Hematócrito: 46%.

Não o recorda?

17. NA LAREIRA

ENMA: O que é que tudo isso quer dizer?

DOUTOR: Pouca coisa. É uma inspeção geral, como quando um depredador anda à volta da vítima à procura onde cravar o dente.

ENMA: Sou uma vítima?

DOUTOR: Os médicos da minha classe poupamos muito trabalho a pensar que toda a gente pode ser uma vítima.

ENMA: Não são parvos os médicos da sua classe. Então?

DOUTOR: Descobri que nasceu para amar.

ENMA: As suas análises não dizem muito sobre o amor.

DOUTOR: É tudo uma questão de potássio.

ENMA: A que é que sabe o potássio?

DOUTOR: A potássio.

ENMA: Que recordação sua me falta?

DOUTOR: O nosso primeiro beijo.

ENMA: Como foi?

DOUTOR: Assim.

ENMA: Não o recordava.

DOUTOR: Eu sei.

ENMA: Não o recordava assim.

DOUTOR: Para isso estou eu, para lhe trazer recordações.

O DOUTOR põe música.

DOUTOR: Recordas?

ENMA: Não.

DOUTOR: Tem que recordar algum fragmento.

ENMA: Não.

DOUTOR: Também não o cheiro da rosa?

ENMA: Não é uma música bonita de recordar.

DOUTOR: E a dança?

ENMA: É uma música realmente feia.

DOUTOR: Então, ganha. Vejo que de memória não está mal. Não recorda o que se passou, mas também não recorda o que não se passou.

ENMA: Tenho a cabeça vazia, mas os meus gostos musicais são requintados.

DOUTOR: Mas eu gosto.

ENMA: Como é que pode namorar com esta música?

DOUTOR: Acredite que é infalível. Foi sempre, exceto consigo.

ENMA: Gosta de mim ou gosta dessa música?

DOUTOR: Amo as boas maneiras.

ENMA: Cada homem é uma técnica diferente para seduzir?

DOUTOR: Um homem não é mais do que as suas ferramentas.

ENMA: Apenas entendo o amor se for para sempre.

O DOUTOR desliga a música.

DOUTOR: Apenas assim se entende.

ENMA: Mas, como é que vou saber qual é o meu amor para sempre?

DOUTOR: Sonhará com ele.

ENMA: Estou grávida. O que é que dizem as suas análises se tiver o bebé?

DOUTOR: Não dizem nada.

ENMA: Que nome vou pôr se for menino? E se for menina? Acho que vou ter esse bebé. Mas não lho diga. Ainda não.

18. NA CAMA

ANDRÉ: Mudámos de médico.

DOUTOR: É sempre bom ter diferentes opiniões profissionais. Eu vim a um encontro.

ANDRÉ: Está na banheira.

DOUTOR: Vou esperar na lareira.

ANDRÉ: Posso saber o que está a fazer?

DOUTOR: Tem a culpa. Trouxe-a ao mundo. Tirou-a do poço do vale, do fundo do porta-bagagens, e trouxe-a para mim.

ANDRÉ: Mas é a minha mulher. A mãe do meu filho.

DOUTOR: Não me importaria adoptá-lo, nem lhe dar os meus apelidos. Porque é que não abre uma garrafa?

ANDRÉ: Ao inimigo, nem água.

DOUTOR: Já fala como um homem. Faria bem em sair e dar uma voltinha.

ANDRÉ: Estou na minha casa. E ainda me resta muito amor por dar. Muita ternura que lhe dar. Apenas a ela.

DOUTOR: No amor não convém ser austero.

ANDRÉ: É muito caro amar.

DOUTOR: Nada é grátis. E tudo custa.

ANDRÉ: Empenhei a minha alma na outra Enma.

DOUTOR: Só há uma Enma, e está na banheira.

ANDRÉ: Mas não me ama. Também não lhe ama a si.

DOUTOR: Já aprenderá.

ANDRÉ: A quem aprenderá a amar? A ti? A si? A qualquer outro?

DOUTOR: A quem a conquistar. É preciso apressar-se.

ANDRÉ: Será melhor que espere na lareira.

DOUTOR: Reconheço que as pessoas não saibam medir a consequência dos seus atos, até assumo a estultícia da maior parte dos seres humanos, mas uma pessoa é sempre responsável pelo que faz. Um homem responde com os seus atos, garante que haverá sempre alguém, em pé, que responderá pelos factos. Apenas se tem que empenhar a palavra. E aproveitar as oportunidades.

ANDRÉ: É apenas questão de palavras?

DOUTOR: Já perdeu todas as suas dotes de sedução? Pensei que era um conquistador voador? Que pouca variedade de recursos! Apenas sabe namorar com a farda?

ANDRÉ: Como vou poder dar-lhe todo o meu amor se ela não me corresponder? Como vou poder tirá-lo se ela não puxar por ele?

DOUTOR: Como fiz eu. Com a convicção de a amar durante toda a vida. Se não o acreditar, como vai acreditar em si o resto do mundo?

ANDRÉ: O amor é uma ficção?

DOUTOR: É um jogo de palavras. Porque é que não vai dar uma voltinha? Três são multidão.

ANDRÉ: Foi sempre um mágico das palavras.

DOUTOR: Apenas tenho que esperar que aprenda a sonhar comigo.

ANDRÉ: Se sonhar alguma vez consigo, mato-o.

DOUTOR: Se nos abandonar, corto-lhe o pescoço.

19. NA BANHEIRA

ENMA:

A.T.

A.T.M.

A.T.M.

A.T.D.

A.T.E.

D.T.M.

A.T.+Q.A.M.M.

Amo-te mais que a mim mesma.

D.T.A.D.T.A.C.

Desejo-te acima de todas as coisas.

A.T.A.D.T.A.C.Q.S.A.P.M.

Amo-te acima de todas as coisas que se arrastam pelo mundo.

P.D.T.A.T.A.H., T.O.M.D.M.V.

Preciso de ti a toda a hora, todos os minutos da minha vida.

N.Q.S.T.Q.M.A.P.S.

Necessito que sejas tu quem me ame para sempre.

A.T.M.D.Q.T.M.P.I.

Amo-te mais do que tu mesmo podes imaginar.

A.T.M.D.Q.E.P.

Amo-te mais do que eu pensava.

Q.V.A.E.T.E.E.T.O.V.

Quero voltar a encontrar-te e escolher-te outra vez.

E.A.M.P.P.P.P.R.

És a mina procura permanente para poder respirar.

A.T.D.T.A.M.Q.J.C.E.D.Q.E.A.N.C.

Amo-te de todas as maneiras que já conheces e das que eu ainda não conheço.

Q.S.S.Q.A.C.C.

Quero saber se queres alguma coisa comigo

G.D.T.A.C.S.C.

Gostaria de tener alguma coisa séria contigo

A.S.A.C.G.P.T

Adoraria sentir alguma coisa grave por ti.

O.M.M.P.E.T.

O meu maior problema és tu.

O.M.M.D.E.P.A.M.I.C.

O meu maior desejo é partilhar a minha intimidade contigo.

A.T.M.Q.A.N.N.M.

Amo-te mais que a nada no mundo.

A.T.M.Q.A.N.N.M.

A.T.M.Q.A.N.N.M.

20. À MESA

ANDRÉ: Quero que saia desta casa.

DOUTOR: Porque não sai o André?

ANDRÉ: É a minha casa.

DOUTOR: Não seja ridículo.

ANDRÉ: Cale-se, não fale.

DOUTOR: Está a comportar-se como uma criança que não fez os seus trabalhos.

ANDRÉ: Agora não é uma questão de falar.

DOUTOR: Agora é uma questão de amar.

ANDRÉ: Em guarda.

DOUTOR: O que é que está a dizer?

ANDRÉ: Prepare-se.

DOUTOR: Vou desarmado.

ANDRÉ: Se é homem, tenha punhos.

DOUTOR: Quem é que disse que eu sou um homem?

ANDRÉ: Um homem tem palavra.

DOUTOR: Podemos deixá-lo para outro momento mais tranquilo? Sem tanta urgência... Podemos fazer um trio... Podemos sequestrá-la...

O ANDRÉ bate no ramo de flores.

DOUTOR: Está doido? As flores.

ANDRÉ: Levante-se e lute como um homem.

DOUTOR: Sem insultar.

ANDRÉ: Levante os punhos.

DOUTOR: Posso saber o que é que quer?

ANDRÉ: Que deixe o cortejo a partir de agora mesmo.

DOUTOR: Pensava que este era um país livre.

ANDRÉ: Hoje há trinta e quatro dias que foi quatro de julho.

DOUTOR: Os seus punhos não lhe vão valer com ela.

ANDRÉ: Se me valem consigo, alguma coisa irão valer com ela.

DOUTOR: A ela nem a toque.

ANDRÉ: Basta-me com tocar-lhe a si para chamar a atenção dela

DOUTOR: Acredita nos contos de princesas?

ANDRÉ: Eu não, mas é possível que ela sim.

DOUTOR: Pobres parvinhos! Aqui o único verosímil sou eu: o dragão.

ANDRÉ: Defenda-se.

DOUTOR: Deixe de flutuar e ponha os pés na terra.

ANDRÉ: Isso é que faço: tomar terra.

O ANDRÉ bate no DOUTOR, que cai no chão.

21. NA LAREIRA

ENMA: É um bruto.

DOUTOR: Um mata-dragões.

ENMA: Você também terá a sua parte de culpa. É mais velho do que ele e deveria tê-lo feito compreender, obrigá-lo a raciocinar.

DOUTOR: Fi-lo, mas não atendeu a razões.

ENMA: O amor não atende a razões.

DOUTOR: E bem é que disse, o amor canta à capella a canção triste de um simples Casanova, mas fica-me tão bem.

ENMA: Só vale para ser amante.

DOUTOR: Um amante ficaria lindo no seu leito esses dias em que o seu marido está a flutuar no espaço.

ENMA: Quero que a minha cama brilhe com o amor e o desejo.

DOUTOR: Isso ofereço-lhe eu.

ENMA: Mas eu a si não.

DOUTOR: É um pequeno detalhe que se soluciona com potássio.

ENMA: Isso é que me oferece? Potássio?

DOUTOR: Em grandes quantidades.

ENMA: Também fará com que eu lhe ame?

DOUTOR: Disso vai encarregar-se o potássio.

ENMA: É possível que o potássio me ajude a desejá-lo, mas duvido que consiga que o ame. Duvido que goste de amar potassicamente.

DOUTOR: Quer que me ponha de joelhos?

ENMA: Não quero que pense que não tem tentado tudo.

O DOUTOR ajoelha-se.

ENMA: Deixe estar.

22. NA BANHEIRA

ENMA: Não. Essa também não. Também não. Não.

ANDRÉ: A minha família. A minha mãe. A tua sogra.

ENMA: A minha sogra.

ANDRÉ: E esta?

ENMA: Não.

ANDRÉ: A tua mãe. O teu pai. O teu irmão.

ENMA: A minha família.

ANDRÉ: Era o teu irmão preferido.

ENMA: Sou eu a sua irmã preferida?

ANDRÉ: Gosta muito de ti.

ENMA: Esta fui eu?

ANDRÉ: És tu. O dia do nosso casamento.

ENMA: Continua vivido na tua mente a lembrança de me ter amado?

ANDRÉ: Muito fresco.

ENMA: É por isso que ainda me amas? Porque continua fresca a lembrança do teu antigo amor na tua mente?

ANDRÉ: É possível que seja por isso.

ENMA: Na minha cabeça abriu-se o cofre e o tesouro perdeu-se no rio a jusante. Não tenho traços pessoais.

ANDRÉ: Algumas coisas voltarão com o tempo.

ENMA: E se não voltarem? Tão importantes eram?

ANDRÉ: Voltarão.

ENMA: Achas que deveríamos ter esse filho?

ANDRÉ: Eu desejo-o.

ENMA: Gostaria de fazer amor contigo. Por experimentar.

ANDRÉ: Vamos à cama.

ENMA: Porque não na banheira?

ANDRÉ: Gostarias?

ENMA: Não sei.

ANDRÉ começa a despir-se.

ENMA: Vais despir-te?

ANDRÉ: Queres que entre na banheira vestido?

ENMA: Não sei.

ANDRÉ entra na banheira

ENMA: Sentes-te culpado por não me ter amado antes ou por me amar demais agora?

ANDRÉ: Atormenta-me pensar que sou o culpado do que te acontece.

ENMA: O que é que me acontece?

ANDRÉ: O milagre apagou os teus traços pessoais e deixou-te como uma página em branco.

ENMA: Não te basta saber que és o pai do meu filho?

ANDRÉ: Não.

ENMA: Amei-te?

ANDRÉ: Mais até do que eu te amo a ti agora.

ENMA: MADQETAATA.

ANDRÉ: Não sei se poderei continuar a amar-te se tu não me amares. Não sei se poderei resistir sozinho. Nunca amei sem ser amado.

ENMA: Essa.

ANDRÉ: Esta foi do dia em que te declarei o meu amor.

ENMA: Quero tomar nota da origem das coisas. Dá-me o meu copo. Hoje há cinco semanas que foi quatro de julho.

ANDRÉ: Casámo-nos há dez anos. Tu ias de azul e eu de preto.

ENMA: Vi as fotografias.

ANDRÉ: O juiz também ia de preto.

ENMA: Assinámos num livro grosso de folhas grandes. Dava a sensação de ser muito pesado.

ANDRÉ: E antigo.

ENMA: Não era antigo, era um livro novo. Muitas casais se casam, portanto os livros acabam por se encher e são substituídos por outros novos.

ANDRÉ: Acreditava recordar que era um livro velho.

ENMA: Olha para as fotos, aí verás o que estou a dizer.

ANDRÉ: O que é que o livro interessa? O importante foi a assinatura.

ENMA: Voltaste a ver outra vez esse livro?

ANDRÉ: Não, nunca mais voltei a vê-lo.

ENMA: Já pensaste se, por acaso, as nossas assinaturas continuam lá?

ANDRÉ: Claro que continuam lá. Quem é que as ia apagar?

ENMA: O esquecimento.

ANDRÉ: Não, Enma, o escrito nunca desaparece. Olha, aí estão as assinaturas.

ENMA: Essa é a minha assinatura?

ANDRÉ: É.

ENMA: O que é que esperas para fazer-me o amor?

ANDRÉ: Apenas por experimentar?

ENMA: Incomoda-te?

23. À MESA

DOUTOR: A sua cabeça não vale o preço da bala, quanto menos o do sicário.

ANDRÉ: São caros os sicários?

DOUTOR: Tem que se ter muito valor. Como para quase tudo.

ANDRÉ: A minha mulher acabou de me violar.

DOUTOR: Os parvos têm sempre sorte.

ANDRÉ: Pareceu-me como se fosse infiel à Enma.

DOUTOR: Tão selvagem foi?

ANDRÉ: Nunca fizemos amor assim. Era como se não soubéssemos fazê-lo.

DOUTOR: O que é que vai fazer com ela?

ANDRÉ: Vou doá-la à ciência.

DOUTOR: Pode ser que ela não o ame, mas precisa de si.

ANDRÉ: Não esperava que fosse tão caro.

DOUTOR: Quantos mais impostos pagarmos, mais orgulhosos estaremos.

ANDRÉ: Ela não me ama.

DOUTOR: O que é que interessa o que ela queira? Onde está o sedutor voador?

ANDRÉ: Não lhe interessa o que ela deseje?

DOUTOR: Claro que me interessa, mas de maneira secundária. O que mais me interessa é o que desejo eu.

ANDRÉ: Isso é egoísmo.

DOUTOR: Isso é amor, seu parvo. Atreva-se a pedir o que deseja. Atreva-se a pedir que ela se apaixone por si. Deseje-o e depois peça-o. Atreva-se a amar.

O DOUTOR vai embora para sempre.

24. NA CAMA (ENMA) / BANHEIRA (ANDRÉ)

ENMA: Fizeste a mala.

ANDRÉ: É o meu trabalho

ENMA: Quando é que partes?

ANDRÉ: Agora.

ENMA: Aonde vais?

ANDRÉ: Europa. Meridional.

ENMA: Quanto tempo?

ANDRÉ: Não muito. Semanas.

ENMA: Trabalhas?

NA LAREIRA (ANDRÉ) / BANHEIRA (ENMA)

ANDRÉ: Tem que se viver. De alguma coisa tem que se viver.

ENMA: De que é que eu vivia antes?

ANDRÉ: Do teu trabalho.

ENMA: Seria interessante enriquecer-se à custa de que o lazer se acumulasse. Quanto tempo pode aguentar um homem, bem comido e bem dormido, sem trabalhar?

ANDRÉ: O importante é gostar do próprio trabalho.

ENMA: Embora se goste, o trabalho é trabalho. É negócio: a negação do lazer. Porque é que é vergonhoso viver da nada? Porque é que as pessoas não dizem que vivem de ler um livro, escutar uma música maravilhosa ou se sentem mais vivas quando contemplam um quadro que chega à alma? Porque ninguém quer reconhecer que uma pessoa se alimenta, realmente, do que faz nos tempos mortos?

25. À MESA

ENMA: Tenho a sensação de que tudo o que faço produz eco.

ANDRÉ: Isso é porque comesas a recordar as coisas.

ENMA: Escuto-as como se vivesse dentro de uma caixa de ressonância.

ANDRES: As coisas, a pouco e pouco, regressam.

ENMA: Isso é que tudo está vazio e o som ecoa.

ANDRES: Não é som, são palavras.

ENMA: Tudo o recebo no mesmo estado em que o envie, como num frontão.

ANDRES: Experimenta agora com este vinho.

ANDRÉ alça um copo.

ANDRÉ: Cereja escuro com uma leve bainha cor morango preto. Limpo e brilhante. De camada alta, os meus dedos mal se veem do outro lado do licor. A lágrima é abundante e passeia-se lentamente pelo vidro a tingi-lo de cor.

ENMA atrai o copo ao seu nariz.

ENMA: Fruta negra madura, violetas, erva de monte, alecrim e baunilha, leite creme, amoras, ginjas, groselhas e sarças. Se fechar os olhos encontro o cedro. Se os abrir, recordo o mato e a alfarroba seca. Se pensar no fundo do copo chegam-me glosas mentoladas que recriam a profundidade terrosa da vinha escondida detrás do torrado do torrefacto.

ANDRÉ toma o copo e bebe.

ANDRÉ: Frutas vermelhas maduras com leves amarguras. Na ponta da língua o sabor mineral da ponta de um lápis. Acaricia o palato com o veludo vermelho de frutos do bosque que, após uns momentos transfiguram-se em recordações de chocolate com amêndoa. E no palato, a alegria ao gosto de doce que enche a boca até que as amoras e o alcaçuz devolvem a consciência como se fosse um frontão.

ENMA: Finalmente escuto a tua viola.

ANDRES: Ninguém está a tocar.

ENMA: Estamos sozinhos.

ANDRÉ: Sozinhos os dois.

ENMA: Um à frente do outro.

ANDRÉ: Um junto do outro.

ENMA: Há muito tempo e, talvez, muito longe daqui, apaixonei-me por ti. É como se me tivesse apaixonado pela viola que tocas através da rádio. É como se estivesse apaixonada por uma superestrela através da música...Isso que cheira... é café?

ANDRÉ: É, sim. É café. E o outro é pão torrado. P.T.

ENMA: P.T.

ANDRÉ: Para a tua mala também.

ENMA: Café e pão torrado. C. e P.T.

ANDRÉ: Não há nada como o aroma a café e a pão torrado de manhã.

ENMA: NHNCOAAC e PTDM

ANDRÉ: O pequeno-almoço está pronto.

ENMA: Ontem à noite tive um sonho. Dobrei-o e meti-o na mala. Alguém me tirava bruscamente do porta-bagagens de um carro e me deitava no chão, sem sentido, desmazelada. Depois aproximava-se de mim e dava-me um beijo. Como naquele conto de meninas. Acordava na minha cama e descobria-me abraçada a ti. Feita um novelo. Eu sei. És tu. Aquele alguém eras tu. Quem me depositou no chão, quem me beijou. O desalmado que me trouxe a este lugar, a gemer e a suspirar. Quem me arrastou do porta-bagagens e me beijou com olhos misericordiosos. Quem animou a minha alma. Agora eu sei. Sim. Amo-te.

ANDRÉ: Amo-te.

ENMA: Não te estou agradecida, todo o contrário, roubaste-me a alma.

ANDRÉ: Eu também tinha perdido a minha.

ENMA: Em troca, tenho os teus beijos.

ANDRÉ: Atemquenem.

ENMA: Atemquenem.

FIM